

Eu, os fotógrafos *lambe-lambe* e a cidade de Goiânia

Me, the lambe-lambe photographers and the city of Goiânia

ANA RITA VIDICA

Docente do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em História (PPGH/UFG) com doutorado sanduíche na EHESS (Paris), Mestre em Cultura Visual (FAV/UFG) e Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (FIC/UFG). Vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (UFG) e Membro do Trama (UERJ). E-mail: : ana_rita_vidica@ufg.br.

RESUMO

Este texto é construído a partir de andanças no centro da cidade de Goiânia. Uma cidade planejada, criada na década de 1930, que abrigou nas proximidades da praça central, a praça cívica, os fotógrafos *lambe-lambe*. Eles fizeram vários retratos daqueles que andaram nas proximidades de suas bancas. Mas, não tiveram seus nomes gravados na história da fotografia. Pretende-se, por meio da metodologia da pesquisa narrativa, contar as histórias destes fotógrafos, cujas montagens se dão de forma inventiva através da relação criada durante a pesquisa. Conclui-se que não há uma única história da fotografia, mas histórias da fotografia, que se constroem também nas ruas da cidade.

Palavras-chave: Fotografia *lambe-lambe*; cidade; Goiânia.

ABSTRACT

This text is based on wanderings through the city center of Goiânia. A planned city, created in the 1930s, which housed the "lambe-lambe" photographers near the central square, the civic square. They took several portraits of those who wandered near their stands. However, their names were never recorded in the history of photography. Using narrative research methodology, the aim is to tell the stories of these photographers, whose montages are inventively constructed through the relationships created during the research. The conclusion is that there is not a single history of photography, but rather histories of photography, which are also constructed on the city's streets.

Keywords: *Lambe-lambe Photography; city; Goiânia.*

INTRODUÇÃO

Este texto é escrito a partir da pesquisa “Foto na rua: um retrato dos fotógrafos ambulantes de Goiânia”^[1], desenvolvida de 2022 a 2024. O projeto de pesquisa parte da percepção da inexistência de documentação sobre os fotógrafos lambe-lambe no Museu da Imagem e do Som de Goiás.

Para a sua produção, em decorrência desta ausência de documentação, parto da metodologia da *flânerie*^[2], proposta por Benjamin (1994b), e passo a andar pelo espaço urbano sem um rumo certo, mas em busca do detalhe, daquilo que, normalmente, não se presta atenção, agindo simultaneamente como o detetive e o trapeiro. Ando pelas ruas de Goiânia em busca das narrativas destes fotógrafos^[3] a fim de compreender como se dá a constituição da fotografia lambe-lambe em Goiânia e a produção do retrato feita por estes fotógrafos.

Essas narrativas foram criadas a partir da realização de cinco entrevistas, com os fotógrafos: José Barreto de Novaes, Carlos Antônio de Moraes, Marcos José de Jesus, Jonas Barreto dos Santos e Nádia Barbosa, no mês de maio de 2022. Para construir as narrativas, me converto também em uma narradora, seguindo, também a proposição benjaminiana (BENJAMIN, 1994a, p. 198), já que busco as experiências que passam “de pessoa a pessoa” e os fotógrafos são as fontes que recorro.

Construo estas narrativas pela perspectiva da pesquisa narrativa, proposta por Claudinin e Connelly (2011) que a definem como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. Se trata de uma metodologia de abordagem qualitativa com a intenção de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis. Ela se funda na experiência, compreendida com histórias vividas e narradas, seguindo a proposição de Dewey.

Parto da minha experiência de andar e me conectar com os cinco fotógrafos como uma pesquisadora narrativa. Para Claudinin e Connelly,

Quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles nunca estão ali como mentes (sem corpo) registradoras da experiência de alguém. Eles também estão vivenciando uma experiência, qual seja: a experiência da pesquisa que envolve a experiência que eles desejam investigar. Se o pesquisador está investigando sobre a vida numa ala de hospital, ele torna-se parte da vida desse lugar, e, consequentemente, da experiência que está sendo estudada. A experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência (CLAUDININ e CONNELLY, 2011, p. 120).

Me tornei parte do cotidiano da fotografia lambe-lambe em Goiânia. Fui fotografada pelos cinco fotógrafos e também os fotografei enquanto conversávamos. Tomei café com o Zezinho enquanto ele me mostrava sua câmera lambe-lambe, que comprou quando iniciou o ofício. Visitei

a mercearia do Carlos. Tive longas com conversa com Marcos e Nádia nas proximidades da praça cívica e com Jonas na rua 4, ambos espaços no centro da cidade.

Esta pesquisa foi fundada na relação que culmina na constituição das histórias de vida dos cinco fotógrafos que se conectam às histórias da fotografia. Digo histórias no plural, pois percebo que as histórias narradas dos cinco fotógrafos me ajudam a compreender a história da fotografia oficial e perceber a sua insuficiência ao invisibilizar as histórias destes fotógrafos populares, que fizeram das ruas suas escolas de fotografia e seus estúdios fotográficos.

Os fotógrafos ambulantes ou “lambe-lambes”^[4] ou “fotógrafos ambulantes” ou “fotógrafos de jardim” são profissionais cujo local de trabalho é o espaço urbano. As ruas das cidades, praças e parques são o cenário do seu trabalho. Nestes locais, eles instalam suas “barraquinhas” ou “cabines”, contendo seus equipamentos de trabalho, câmeras fotográficas, vestimentas (casacos, paletós) para que os fotografados possam utilizar, espelho e mostruário de fotografias.

Estes fotógrafos não têm nomes conhecidos. Eles são populares e aprenderam o ofício na prática, sem um estudo formal da fotografia. Passam a fazer parte do cotidiano das cidades possibilitando que pessoas sem condições de pagar uma fotografia de um estúdio fotográfico também tivessem sua imagem eternizada de forma artesanal. Entretanto, encontram-se em vias de extinção em decorrência do avanço tecnológico.

Em Goiânia, os lambe-lambes se tornaram fixos na região de concentração das repartições públicas, ao redor da Praça Cívica (Imagem 1). Ali também se concentram os edifícios públicos em estilo *art déco*^[5] tombados como patrimônio cultural. As bancas de fotografia, que, segundo relatos, existiam desde a década de 1960, eram montadas e desmontadas todos os dias pelos fotógrafos. Apenas no início da década de 1980 é que a Prefeitura Municipal começa a emitir autorizações para a instalação de cabines fixas nas mesmas calçadas em que eles mantinham seus pontos (FREITAS, 2019, p. 20).



FIGURA 1: Vista aérea da Praça Cívica. Déc. 1960. Alois Feichtenberger. Goiânia – GO. (Localização das bancas de foto).

Fonte: Acervo MIS-GO

As cabines de “foto rápido” passaram, então, a fazer parte da paisagem urbana no centro histórico de Goiânia, tombado pelo IPHAN, em 2003. Os olhares de quem busca a harmonia entre o estilo arquitetônico, que representou “a modernidade possível” para a capital símbolo da Marcha para o Oeste estadonovista^[6], vão encontrar os remanescentes de uma atividade que representava também a vida daquele espaço da cidade.

Os fotógrafos lambe-lambe passam a fazer parte da cidade. Assim como suas produções, as fotografias de retrato para documento passam a fazer parte dos registros de identidade, constituindo a visualidade dos rostos das pessoas que não estão publicizadas, mas guardadas nas carteiras de identidade, de trabalho, currículos e outras documentações pessoais.

Estes retratos que muitos ainda conservam não mostram seus produtores ou mesmo estão presentes nos livros de fotografia ou em instituições de guarda e conservação como o MIS de Goiás. Por isso, a partir das entrevistas realizadas com os fotógrafos, crio as narrativas de cada um deles, que se constituiu no verso destes retratos, o verso da história da fotografia que se revela nos textos construídos como se fossem contados por eles, produzidos pela relação criada entre eu e eles, fundindo nossas experiências. A minha com as ruas e suas histórias e as deles com suas histórias nas ruas e a com fotografia.

A sequencia do texto traz estas histórias, escritas por mim, a partir das falas deles. Escolhi escrever na primeira pessoa, como se fosse cada um deles narrando sua própria história. Um recurso narrativo que dá visibilidade ao fazer fotográfico que está às margens da história da fotografia. Convidamos o(a) leitor(a), nesse momento, a seguir os caminhos de Zezinho, Carlos, Marcos, Jonas e Nádia adentrando uma história da fotografia ainda não contada.

NARRATIVA DE JOSÉ BARRETO DE NOVAES (ZEZINHO)

EU E MINHA HISTÓRIA COM A FOTO

O ano era 1968 quando cheguei em Goiânia. Nunca me esqueço. A cidade parecia ferver. Só tinham cerca de 350 mil pessoas vivendo aqui. Mas todo dia chegava gente. Muita coisa por construir, muito emprego na construção civil e todo mundo precisava de foto. Tinha que fazer carteira de trabalho, carteira de saúde, título de eleitor pra fichar nas firmas.

Não imaginava que eu, que nunca tinha produzido uma fotografia, ia fazer várias. Na época, meu irmão, o Guilherme, tinha adquirido uma banquinha na Avenida Goiás. Ele vendia frutas que comprava no Mercado Central. Um dia, estava passando pela Araguaia para fazer as compras das

frutas e parou em uma banca de foto. Começou a conversar com o senhor de idade que tomava conta dela. Ele tinha vindo do Mato Grosso e queria voltar pro interior e ofereceu o ponto pra ele. Meu irmão disse, eu nem sei mexer com isso. O senhor prontamente respondeu: Eu te vendo e te ensino.

Meu irmão titubeou, observou ao redor, viu que tinha sempre gente chegando pra fazer foto, o dinheiro entrando. Então, fez negócio. O senhor ainda ficou ali por uns 30 dias, mostrou como tirar a foto, revelar, lavar e entregar pro cliente e, depois, seguiu seu rumo.

Isso aconteceu em 1965 e eu, cheguei em 1968 e logo aprendi o ofício e comecei a trabalhar sozinho com uma câmera tipo caixote que eu mesmo construí. Criei um sistema inventado. Eu era rapaz novo, cerca de 18 anos, e não queria usar aquela câmera com um sacão preto e ficar com o cabelo arrepiado. Aí, pra não arrepiar, criei esse modelo, que é só encaixar o rosto. E, todo mundo copiou.

Fiz muita foto, até que em 1971, tive que sair das ruas. Nessa época, a profissão de fotógrafo de rua não era regularizada, mas já pagávamos taxa. Éramos como feirantes de rua. Nos tempos duros da ditadura mexeram com a gente. Tinha uma feira em frente ao palácio, tiraram tudo. E, fomos proibidos de trabalhar. Nessa época, era perseguição toda hora. O rapa vinha e pegava tudo. Os fiscais vieram, me levaram preso e todo o meu equipamento fotográfico.

Fiquei muito revoltado, juntei o pouco que restou e fui tentar a sorte em São Paulo trabalhando na construção civil, de 1971 a 1972. Votei em 1973 e já tinha tudo se regularizado e voltei a fotografar.

Apesar de gostar muito da fotografia, ficava incomodado com esse termo lambe-lambe. E, pensava: Que negócio é esse de lambe-lambe? Me lembrava de um ditado que minha mãe dizia, “trabalhar pros outros só faz pra lambe”, ou seja, nunca “enrica”, nunca melhora de vida. Aquilo ficou na minha cabeça. Pensava que me chamarem de lambe-lambe impedia que enriquecesse. Decidi que tinha que tirar esse complexo. Procurei um fotógrafo, dos antigos, que trabalhava na antiga rodoviária. Ele só tirava foto grande, tipo postal, não era de documento. E, entendia de tudo.

Ele me emprestou um livro. Eu li e entendi. A história era mais ou menos essa. O fotógrafo de rua quando fotografava com sua câmera caixote, ainda era da época do negativo de vidro, colocava o negativo a ser fotografado e retirava o que estava dentro. Um era com a mão e o outro com a boca. As crianças viram aquilo e gritavam: “Ele está lambendo a foto”. Aí ficou lambe-lambe.

Eu tive que ir atrás do conhecimento pra tirar o complexo de não enriquecer por causa da profissão que tinha. Acabei voltando pra fotografia. Mas, o dinheiro só dava pra pagar as contas, o que entrava, logo eu gastava. E, me pegava sonhando com uma casa e um carro próprios. Um carro zero km.

Decidi percorrer o sonho. Durante a semana trabalhava com a fotografia, nos fins de semana vendia picolé. Minha esposa também trabalhava e conseguíamos manter nossos quatro filhos. E, voltei pra igreja, o que fortaleceu minha vontade.

Os dias foram passando e, continuei trabalhando firme. Porém, estava bem angustiado e preocupado com a situação financeira e com dúvidas se conseguiria criar meus filhos. Fui trabalhar mesmo assim. Na espera dos clientes, vi um senhor de idade, bem franzino e com vestimentas bem simples, descendo do ônibus. Fazia três meses que sempre passava ali, fazia tratamento no Hospital Santa Genoveva. Ao descer do ônibus, convidei-o para se sentar. Sempre gostei de escutar conselhos dos mais velhos e lhe pedi uma orientação.

Eu lhe disse: "Eu sou trabalhador, honesto, trabalho duro, às vezes melhora de vida, mas parece que sempre volto atrás, não sei o que acontece". O senhor me olhou de modo penetrante no fundo dos meus olhos e respondeu: "O senhor está precisando de um conselho, meu filho?". Eu disse, sim.

E, arrematou. "Eu estou com pressa, meu ônibus está quase chegando, não vai ter tempo de conversar. Mas, vou te dar um conselho. Vou te orientar". E, perguntou: "Você tem a Bíblia?. Abra no livro dos provérbios e os leia. Aquele versículo que falar no seu coração, tem o conselho que você precisa. Você marca e pratica. Se precisar de conselho, vai na Bíblia, lá tem tudo o que precisa". O senhor se foi antes que eu o agradecesse ou perguntasse seu nome e dissesse o meu. Mas, suas palavras calaram fundo dentro de mim.

Eu comecei a ler o livro dos provérbios, lá na rua mesmo. Às vezes, a fotografia estava meio parada, eu ia ler. O provérbio 20 versículo 1 falou no meu coração. As palavras desse versículo surgiram como um retrato que se revelava diante dos meus olhos, como tantas vezes eu fiz com a foto, a Bíblia se revelou a mim que aparecia através do conselho daquele desconhecido.

Como não tinha mais o complexo do termo lambe-lambe, arregacei as mangas com vontade e passei a guardar tudo o que ganhava. Daí sempre tinha uma reserva e logo consegui realizar o meu sonho de ter uma casa só minha. Paguei à vista. E, fui reformando e ampliando aos poucos. Eu mesmo, com o conhecimento que adquiri nos tempos da construção civil. O carro veio depois, mas foi um Zero Km. E, hoje, guardo na parede da minha casa, as fotografias do processo de construção da casa com a árvore que plantei na calçada e o retrato que fiz com a câmera lambe-lambe. Estas fotografias me fazem lembrar o caminho que trilhei, por vezes, cheio de pedregulhos, mas que consegui driblar e me levantar quando caí. Afinal, sempre gostei de trabalhar na fotografia.

NARRATIVA DE CARLOS ANTÔNIO DE MORAES

CÂMERA LAMBE-LAMBE, CINE TEATRO COMETA E OUTRAS CONSTELAÇÕES

Eu tinha 11 anos quando vi pela primeira vez um fotógrafo. Era um fotógrafo lambe-lambe. Foi lá na minha cidade, em Macaíba, no Rio Grande do Norte, na porta do Cine Teatro Cometa. Nunca me esqueci. Era engraçado e curioso ao mesmo tempo. Um senhor bem vestido com a cabeça enfiada no pano preto. Fiquei impressionado. Só o corpo de fora e o rosto pra dentro.

Na minha cabeça de menino, imaginava o que ele fazia ali dentro. Será que tinha um tesouro escondido e ele estava procurando? Ou será que era uma espécie de detetive que buscava algo perdido ali dentro? Minha imaginação ia longe. Só depois descobri que ele estava fazendo a revelação da fotografia, mergulhando o papel na banheira do revelador, esperando a imagem chegar para colocar no fixador. Quando estava fixado, ele tirava a cabeça pra fora. E, eu, desviava o olhar, pra ele não ver que eu o estava olhando.

Meu olhar desviava para o varal de fotos, onde ele as secava para depois entregar ao fotografado. Fazia fila pra tirar foto. O povo ia bonito que só e a fotografia revelava cada expressão, às vezes, nem parecia a mesma pessoa. Uma vez, um moço ranzinza parou ali, brigou com o fotógrafo, reclamou do preço. Na hora da foto, fez uma cara serena. Quem passasse pelo varal e visse seu retrato, diria que era um sujeito bem tranquilo e fácil de lidar.

Eu não era o único a ficar impressionado com tudo que envolvia a produção destas fotografias. Tinha um amigo que até apelidou este serviço de foto na rua de “foto tabefe”, pois quando o fotógrafo fazia a exposição à luz para gravar a imagem do negativo para o papel, tinha que puxar e fechar bem rápido pra não entrar luz demais e “pá” fazia um barulho.

Às vezes, ainda me perco nestas lembranças de menino, que se confundem com os meus primeiros passos nas ruas de Goiânia em busca de emprego. Cheguei aqui em 1984. Fiquei 1 mês e 19 dias desempregado. Me deparei, de novo, com a fotografia, não mais na porta do Cine Teatro Cometa, mas nas imediações da praça cívica. Me tornaria um fotógrafo lambe-lambe. Não precisava mais enfiar a cabeça. Não tinha mais pano preto, mas duas mangas em que colocávamos as mãos. Elas é que adentravam o caixote e funcionavam como a mente, que ficava ali dentro e fazia a magia da fotografia acontecer.

Aprendi rápido, em cinco dias, com um moço que tinha banca. O aprendizado aconteceu na casa dele mesmo. O seu filho, o José Wilson, que me ensinou como fotografar, cortar o filme, fazer a revelação e depois, do filme revelado, passar a imagem para o papel.

Me sentia como um mágico. Revelava o filme, secava no calor do álcool, aquecido com um foguinho, e depois prensava no papel. Mergulhava o papel “em branco” na banheira do revelador e, depois de uns 30 ou 40 segundos, a imagem aparecia, bem visível. Rapidamente, tirava da

banheira do revelador e levava para o fixador. E, depois de 2 minutos, podia expor novamente à luz. Mergulhava no balde pra tirar os resíduos dos químicos, secava, cortava e podia entregar ao cliente.

A minha primeira experiência com cliente foi bem desafiadora. A retratada era uma jovem negra. Na hora de fotografar, me lembrei que pessoas de pele negra consomem mais luz que uma de pele branca, tanto na hora de fotografar quanto na hora de fazer a cópia. Ao invés de 8.0, coloquei 5.6. Fiz a foto. Coloquei as mãos dentro do caixote enquanto pensava nos passos que deveria seguir. Minhas mãos eram minha mente, que estavam em funcionamento dentro da lambe-lambe. Elas saíram dali de dentro com a sequência das oito fotografias. A moça sorriu em agradecimento. Hoje já deve ter filhos, talvez netos, mas me lembro do seu rosto jovem de sorriso tímido impresso naquele retrato 3x4cm.

Esse foi o primeiro de muitos retratos que tiraria até meados de 2018. Época de vestibular, eleição, início de ano, fazia um monte. Algumas épocas eram mais paradas. Mas, no tempo da lambe-lambe, fazia em média 40 cabeças por dia. Tempos bons aqueles. Com a Polaroid já foi raleando, mas mesmo assim tinha um bom retorno. Era mais fácil de fotografar, apertava o botão, a foto saía colorida e a revelação era feita pela câmera mesmo. Só tinha que sacudir a foto. Com o digital, o uso do equipamento ficou mais fácil ainda, mas a dificuldade veio na minha permanência nas ruas. Consegui ficar até julho de 2018. Resolvi, então, sair e abrir uma mercearia. O lucro nunca foi o mesmo da foto. Apesar de ter saído da fotografia, a fotografia nunca saiu de mim. Às vezes sinto o sacolejar do líquido do revelador e fixador. Eu preparava tudo em casa. Meu banheiro se transformava em um laboratório. Colocava a luz vermelha, já cortava o papel fotográfico 18x24cm em quatro partes, que seriam preenchidos no outro dia, por rostos desconhecidos.

Esses rostos chegavam, por vezes, no cair da tarde, já a noitinha. Usava meus conhecimentos técnicos pra fazer a fotografia e a pessoa poder colocar no seu currículo e entregar logo cedo no dia seguinte. Era possível fazer a foto porque a câmera lambe-lambe ficava no tripé. Mas, tinha um segredo. Ao apertar o botão de disparo, segurava-o firme e contava "Cachorro 1, Cachorro 2, Cachorro 3 e ia contando, até chegar a 15 cachorros". Aí fechava e revelava a fotografia. A foto preto-e-branco ficava perfeita, sem nenhum sinal de tremido.

Meu gosto pela fotografia foi tanto que comprei uma câmera Zenit. Câmera de ferro, pesadíssima, comprei de um fotógrafo que trabalhou no Jaime Câmara. Acabei fazendo, além das fotos nas ruas, fotografias de reportagem, aniversário, casamento, batizado, festa junina. Aí não ia de ônibus, tinha uma Belina, que me levava pra chegar no horário. E, nas horas vagas, lá no centro, usava a câmera como hobbie. Uma vez estava olhando para as árvores em volta da minha banca de foto e vi um filhote de passarinho sendo alimentado pela mãe. Já até fotografei o Fernando Henrique Cardoso quando veio à Goiânia fazer passeata em época de eleição.

As ruas do centro de Goiânia me trouxeram a fotografia, a amizade com os fotógrafos de outras bancas, o contato, mesmo que em, cinco minutos, com os retratados e esses instantes registrados, entre um retrato e outro, pela minha câmera analógica. Me lembro com saudade, carinho e orgulho de tudo isso que vivi. Não tem como esquecer, o retrato da minha identidade feito por uma câmera lambe-lambe, em 1986, me lembra todos os dias. E, a noite, até hoje eu sonho, sonho que estou fazendo foto.

NARRATIVA DE MARCOS JOSÉ DE JESUS

AS RUAS DO CENTRO, OS OLHARES E MINHAS DUAS POLAROIDS

Todos os dias, percorro 16km para chegar na praça cívica, onde trabalho como fotógrafo de rua. Chego às 7h30 da manhã, com o sol ainda baixo, tiro o cadeado, abro a minha banca e me sento a esperar. As pessoas passam e pergunto: “Quer fazer uma foto?”

Dentre algumas que passam por ali, uma pessoa de pele negra responde afirmativamente com a cabeça. “Hoje comecei bem”, pensei. Peço para o rapaz se sentar e deixar o pescoço bem retinho pra foto não ficar torta. E digo: “Olha aqui na altura da câmera e encosta um pouco mais o corpo pra trás. Assim, sua sombra não vai aparecer”. Enquadro de forma que as duas orelhas apareçam. E, se lembra de abrir mais o diafragma, por causa do tom de pele do fotografado. Um macete que aprendi com o Sinomar, um dos fotógrafos pioneiros da fotografia lambe-lambe, já falecido. Ao terminar, mostro a foto pro moço que, fica contente com o resultado que, após os 3 minutos de espera, já anexa a um currículo, impresso ali na banca mesmo.

Ao me lembrar desse macete, volto no tempo, na época que tinha contato com aquele fotógrafo e o convívio amigável e também do termo lambe-lambe. Não sei ao certo a origem e não gosto dele, acho vulgar. Já ouvi falar que o Fujioka que tinha apadrinhado por ser um concorrente paralelo.

Embora eu tenha chegado nas ruas depois do uso da câmera lambe-lambe, que dá esse nome, algumas pessoas ainda me identificam como um, apesar de já ter iniciado o ofício com a câmera Polaroid. Me lembro dessa época com saudosismo e guardo as minhas duas câmeras polaroid até hoje. Essa era a época boa, eu tinha mais ganho, mais rendimento, mais clientes. Se fosse no passado, já teria atendido umas 10 pessoas. Todo mundo precisava de foto, as pessoas e as empresas.

Às vezes, fico perdido nos meus pensamentos, alguém me chama e pergunta: Onde fica o Instituto Goiano por aqui? Eu respondo entre buzinas de carros e o estalar da arrancada de motos

ao abrir o semáforo. O som das motos me leva aos idos de 2001, quando cheguei na praça cívica para trabalhar de mototaxista. Alguém me ofereceu a banca pra alugar e como “bom brasileiro” agreguei mais um trabalho. Aprendi a usar a Polaroid ali mesmo nas ruas.

Uma outra pessoa para e pede para ser fotografada. Ela chega ofegante e confessa que acabou de descer do ônibus e se cansou um pouco do trajeto que fez do Hospital Araújo Jorge até ali. Ao fotografá-la, reconheço alguns sinais do possível tratamento de câncer. Ficamos nos olhando através da lente da câmera e não dizemos nada um pro outro. E, continuo a olhar aqueles olhos enquanto faço a impressão. Apesar de ser um documento, parece que vejo a alma da pessoa ali estampada. Pra mim, o ato de fotografar e ver a pessoa além do que ela é, através da sua expressão.

Pelo curto tempo que dura a sessão fotográfica na rua não há prazo de trocar muitas palavras. Mas, sinto que os olhares dizem muito e que de algum modo, me conectei com aquela pessoa e me sinto útil por ter feito o seu registro. Eu não guardo as fotos, logo produzo, deleto da câmera, mas muitas expressões ficam na minha mente por dias.

NARRATIVA DE JONAS BARRETO DOS SANTOS

ENTRE DRIBLES E CHUTES, A FOTOGRAFIA (JONAS)

O ônibus sacolejava. Eu segurava bem firme a marmita que levava, todos os dias durante a semana, para o meu pai. Ele trabalhava como fotógrafo lambe-lambe na Rua 3 com a Av. Araguaia e, depois se mudaria para a Rua 4. Achava fascinante o fato dele conseguir fazer os retratos e tirar de dentro daquela câmera. Mas, era muito jovem, tinha uns 10 anos de idade, e não me interessava a ponto de querer aprender. Gostava mesmo era de sair de casa.

Depois de entregar o almoço, algumas tardes, eu ia pra escolinha de futebol. Como era bom. Até hoje sou fã desse jogo. Tenho dois times de coração. O Goiás e o São Paulo. Me arrisco a dar alguns chutes ainda. Mas, acabei não seguindo carreira. Segui, mesmo sem querer, à princípio, os passos do meu pai.

Ele usava aquela câmera caixote. Nessa época, só ficava olhando. Olhando e imaginando os dribles, gols e jogadas que via na televisão e poderia fazer em campo. Nos dias que não tinha a escolinha de futebol, eu treinava na minha própria cabeça. Ali mesmo, nas ruas, ao lado da banca de foto. Era gente passando todo hora, meu pai fotografando o tempo todo e eu ali, absorto nas minhas fantasias de menino.

O tempo foi passando, a câmera caixote foi encostada. A modernidade estava chegando. Agora só se falava na foto colorida. Tinha até gente que vinha fazer foto com a nova câmera, a Polaroid, só pra ter a foto colorida na identidade. Aprendi a fotografar com ela. Meu pai que ensinou. Tinha muito paciência e aprendi rápido. Essa câmera era bem mais fácil de usar. Era só enquadrar direitinho, apertar o botão e a parte da química, o equipamento fazia sozinho. Mas, tinha que puxar o cartucho pra foto sair.

Eu fui crescendo junto com a mudança da tecnologia e acabei ficando na banca pra trabalhar também. Fiz tanta foto que perdi as contas de quantas pessoas se sentaram diante de mim. E, como entregava a foto para as pessoas, nunca fiz essa conta. Mas, sei que foi um bocado.

A Polaroid também ficou velha. Venho mais uma modernidade. A câmera digital. Pra usar essa câmera, eu aprendi com o meu primo Odiley, filho do meu tio Odilon, também fotógrafo da câmera antiga, e depois eu ensinei o meu pai.

Um dia, eu e meu primo, o Odiley, montamos a banca na pecuária e fizemos um monte de fotos 3x4cm e 5x7cm para os documentos de inscrições de faculdade. Ai, meu sonho era ter feito faculdade de Educação Física. Mas, acabei deixando passar.

E sei que a fotografia nas ruas está acabando. Hoje mesmo faço só 10, 15 ou 20 fotos por dia, principalmente pro Setransp, que ainda não digitalizou essa parte pra todo mundo e também para outras empresas que pedem a foto de documento impressa. Vendo essa iminente possibilidade do fim dessa profissão, estou dando meus pulos. Compro roupa aqui em Goiânia e vendo lá na Bahia. A gente tem que se reinventar. Assim, como as câmeras foram reinventadas, nós também, né?

NARRATIVA DE NÁDIA BARBOSA

ANDANÇAS, LEMBRANÇAS E FOTOGRAFIAS

O despertador toca. São seis da manhã. Me levanto, escovo os dentes, me arrumo e tomo um café preto bem forte. Às vezes saio pra trabalhar e meu marido, Samuel, está chegando do seu trabalho como vigilante. Lhe dou um beijo de bom dia e sigo meus passos. Vou andando para o meu trabalho, ando pela praça Botafogo, pela Anhanguera, Tocantins, Paranaíba, até chegar na Praça Cívica. Às vezes mudo a rota, mas transito por algumas dessas ruas e avenidas, inevitavelmente.

À medida que minhas pernas andam, minha memória anda junto, me leva para as aulas de radiologia quando conheci o Samuel. Vimos que não era pra gente, o curso ou a profissão, mas,

foi nosso local de encontro. Assim, como a rua, se tornou o encontro com uma profissão que não imaginava, a de fotógrafa "lambe-lambe".

Na verdade, não me considero uma fotógrafa "lambe-lambe". Mas, se me chamam assim, aceito com carinho, pois me faz sentir perto do meu sogro, o Sinomar, que era de fato um fotógrafo "lambe-lambe", desses que usava aquela câmera grande que parecia um caixote. Ele até já deu entrevista pra televisão. Tenho muito orgulho dele e da sorte de tê-lo conhecido.

Ele era como um pai pra mim. Um pai que nunca tive. E foi quem me ensinou a fotografar e me deu essa oportunidade de trabalhar nas ruas, nas imediações da Praça Cívica, há quatro anos. Aprendi com ele a fotografar já com a câmera digital, a orientar a pose, ajustar o brilho, a cor, o corte e fazer a impressão. Foi tudo na prática e bem rápido.

Quando comecei, trabalhava com o meu marido, que trabalhou ali por dez anos, vinha pra banca de foto desde os 12 anos de idade, a pedido da mãe. À princípio, ele só chamava os clientes. E, depois, aprendeu a fotografar com a Polaroid e, na sequência, com a digital. Quando já estava craque pra fotografar, ele substituía o pai, quando necessário e, muitas vezes ficava a tarde toda fotografando. Tanto Samuel, quanto Sinomar, já fotografaram muito. Meu sogro inclusive dizia que, em um dia só, já fez até 300 fotos. Hoje o movimento está bem menor. Em dias fracos, faço 6 ou 7 fotos e dias bons faço entre 20 e 25 fotos.

Mas, comecei acompanhando, chamando os clientes pro Samuel. E, aí, algumas pessoas queriam que eu fotografasse, por ser mulher. Alguns preferem, dizem que mulher na fotografia é mais detalhista. Já, alguns poucos, tiram o meu crédito, justamente por ser mulher, dizem que mulher não entende de fotografia.

Nessas horas, dá vontade de contar que algumas pessoas já tiraram foto comigo e disseram que foi a melhor FIGURA 3:x4cm que já tiraram, pedem o meu cartão pra indicar para outras pessoas. Mas, nem falo nada. E, guardo na lembrança esses bons momentos na profissão, o que me enche de satisfação.

Além dessa boa lembrança, gosto também de lembrar de um dia que um cliente deixou uma boa gorjeta pra mim. Voltei feliz pra casa. Comprei uma roupa bem bonita e fui jantar com o Samuel. Mas, infelizmente, isso não acontece todo dia. Inclusive, me lembro com tristeza também, o dia que não queriam me pagar. O cliente foi com uma roupa preta e saiu muito escura na foto. Claro que sairia e, eu avisei. Mas, ele quis fazer e depois, não quis pagar e ainda rasgou a foto na minha cara. Ameacei até de chamar a polícia. Ele se acalmou e pagou.

Essa questão do dinheiro é bem complicada nessa profissão. As pessoas acham que a gente ganha bem e cobra caro. Mas, tá tudo caro. Antes pagávamos 80 reais na caixa de papel fotográfico, hoje pagamos 200. E, é um preço justo pelo trabalho, pelo tempo e todo investimento que temos. Além de vivermos tempos difíceis. Hoje é um pinga pinga de cliente. Por isso, eu que

não sou boba nem nada, estou fazendo meu curso de enfermagem. Sempre quis trabalhar na área da saúde, não deu certo com a radiologia, mas agora vai. E, levarei comigo, pra sempre, as histórias que vivi com a fotografia, as boas e as ruins, e o convívio com o meu sogro. Afinal, pra mim é uma honra ser fotógrafa, ter herdado esse conhecimento do pai que nunca tive e ter continuado seu legado.

Estas histórias foram criadas a partir das entrevistas realizadas com o Zezinho, o Carlos, o Marcos, o Jonas e a Nádia. Aqui se mesclam fatos contados e imaginados, por mim e por eles. Leia e imagine também! Caminhe pelas histórias como caminhei pelas ruas, seguindo os rastros das memórias e das falas destes cinco fotógrafos das ruas de Goiânia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende com este texto, resultado da pesquisa citada no início, esgotar ou criar uma outra história da fotografia em Goiás mas abrir essa história e incluir os fotógrafos lambe-lambe e deixa-la aberta a outras escritas e saberes, que foi sendo construída nas andanças nas ruas de Goiânia e costurada a partir das palavras proferidas pelos cinco fotógrafos, por meio das entrevistas realizadas.

Com estas entrevistas aprendi a nomear os fotógrafos de rua de Goiânia, não só os cinco, mais outros nomes citados por ele como o Sinomar, Odilon, Jorge Vicente, Guilherme e Martins. Percebi também o modo de aprendizado da fotografia, em que um passa o conhecimento para o outro, na rua mesmo, ou em algumas horas de imersão manuseando a câmera lambe-lambe. Tive contato com a história de vida de cada, os caminhos percorridos para se chegar ao ofício de fotógrafo e outros caminhos trilhados que dão forma ao modo de ver a fotografia.

Compreendi que a constituição dos fotógrafos lambe-lambe em Goiânia e a produção dos seus retratos se dá nas ruas, no fazer e no aprendizado prático da fotografia por trabalhadores oriundos de diferentes localidades do país e de ofícios, do ofício de pedreiro, de mototaxista, atendente de supermercado, cujas histórias se cruzam nas lentes das câmeras fotográficas, ou por de trás delas.

Essas lentes, da câmera lambe-lambe, da polaroid ou da digital registram os tipos sociais da cidade de Goiânia, organizando a pose, o enquadramento, a luz, para que fiquem registradas nas carteiras de identidade, currículos e outros documentos que constituirão a existência de cada pessoa. Assim como a existência desses fotógrafos passa a constituir histórias da fotografia, que se revelam nas ruas e nos retratos.

Finalizo este texto com cinco conjuntos de imagens (imagens 2, 3, 4, 5 e 6), que se dão no cruzamento dos retratos de cada um dos fotógrafos, em cores, produzidas por mim em um dos encontros que tive com eles e as fotografias em preto-e-branco, realizadas por fotógrafos lambe-lambe nos anos 1990, como parte de um Projeto do prefeito à época, Darci Accorsi, idealizado pelo artista goiano Siron Franco, que teve o objetivo de construir uma genealogia da cidade de Goiânia.

Os retratos em cores, de cada um dos cinco fotógrafos, foram feitos no momento de cada entrevista. Durante a conversa, eu pedia para tirar um retrato 3x4 e ia recapitulando com eles o procedimento fotográfico. Eu repetia no gesto de fotografar o que aprendia com cada um deles. Com estes retratos em mãos, eu cruzei com os retratos feitos por fotógrafos lambe-lambe atuantes na década de 1990, dentre os quais, Zezinho e Carlos, e montei estes agrupamentos visuais que foram colados em um muro do centro de Goiânia.

Este muro estava localizado na Av. Araguaia com a rua 2. Estas imagens coladas neste muro fizeram parte do documentário "Retrato das estrelas quando sonham (2023) de 23 min, dirigido por Rafael de Almeida, exibido na VI Mostra Sesc de Cinema, uma forma de continuarem ocupando as ruas da cidade, agora como imagem, como memória, como história. Repito de certo modo este gesto de ocupação, colocando estas imagens para fechar o texto, após as referências bibliográficas, para que os retratos dos fotógrafos e suas produções sejam vistas como parte da história da fotografia.



FIGURA 2: Retrato de Zezinho e retratos de diversos moradores de Goiânia
Fonte: Acervo do Projeto

ANA RITA VIDICA |

Eu, os fotógrafos lambe-lambe e a cidade de Goiânia |

Me, the lambe-lambe photographers and the city of Goiânia



FIGURA 3: Retrato de Carlos e retratos de diversos moradores de Goiânia
Fonte: Acervo do Projeto



FIGURA 4: Retrato de Marcos e retratos de diversos moradores de Goiânia
Fonte: Acervo do Projeto

ANA RITA VIDICA |

Eu, os fotógrafos lambe-lambe e a cidade de Goiânia |

Me, the lambe-lambe photographers and the city of Goiânia



FIGURA 5: Retrato de Jonas e retratos de diversos moradores de Goiânia

Fonte: Acervo do Projeto



FIGURA 6: Retrato de Nádia e retratos de diversos moradores de Goiânia
Fonte: Acervo do Projeto

ANA RITA VIDICA |

Eu, os fotógrafos lambe-lambe e a cidade de Goiânia |

Me, the lambe-lambe photographers and the city of Goiânia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1994a (Obras escolhidas; v.1).

_____. *Charles Baudelaire e um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1994b (Obras escolhidas; v.3).

CLAUDININ, J.; CONNELLY, M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*; tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL / UFU – Uberlândia : EDUFU, 2011.

FREITAS, Tuila Dias. *Foto na Hora: fotografia lambe-lambe no centro de Goiânia*. Monografia do curso de Jornalismo. Universidade Federal de Ouro Preto. 12 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/2668>. Acessada em: 27 de maio de 2022.

KOSSOY, Boris. *O fotógrafo ambulante* – a história da fotografia nas praças de São Paulo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 nov. 1974. Suplemento Literário, p. 5.

MORAES, Rubens Nunes. De fotógrafo à retratista lambe-lambe. *Revista Expedições : Teoria da História & Historiografia* V. 4, N.1, Janeiro-Julho de 2013.

-
- [1] O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás em 2022 e financiado pelo Edital de Ocupação de Museus e Galerias de Arte do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017.
- [2] Neste texto não me centrarei na discussão teórica desta metodologia, o que foi feito no texto “Foto na rua: um retrato dos fotógrafos ambulantes de Goiânia”, publicado nos Anais do XII Colóquio de História e Imagem: Imagens decoloniais”, em 2022.
- [3] Essas narrativas foram criadas a partir da realização de cinco entrevistas, com os fotógrafos: José Barreto de Novaes, Carlos Antônio de Moraes, Marcos José de Jesus, Jonas Barreto dos Santos e Nádia Barbosa, no mês de maio de 2022, em consonância à aprovação no Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.
- [4] O termo lambe-lambe, segundo Boris Kossoy (1974, p. 5) é controverso. Para o autor, a explicação mais viável parece estar ligada ainda ao antigo processo da ferrotipia. Este processo envolvia uma camada de asfalto sobre uma chapa de ferro de mais ou menos 1 mm sobre a qual era aplicada a emulsão. Após a revelação com sulfato de ferro, o fotógrafo lambia a chapa, fazendo com que a imagem se destacasse do fundo preto asfáltico pela ação do cloreto de sódio existente na saliva. Porém, segundo Moraes (2013), existem outras explicações mais folclóricas ligadas ao ato de lavar as fotografias em baldes, remetendo a língua do cachorro ao lambar a água, por exemplo.
- [5] O *Art Déco* foi utilizado na construção da residência do interventor Pedro Ludovico, responsável pela transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia; em prédios religiosos como a capela do Colégio Ateneu Dom Bosco; nos edifícios ligados à cultura, como o Cine Teatro Goiânia. Foi utilizado também na construção dos prédios que compõem o centro administrativo da cidade, na Praça Cívica, com destaque para o Palácio das Esmeraldas e as secretarias que o circundam.
- [6] Goiânia foi uma cidade planejada, criada para ser a nova capital do Estado, na década de 1930 e também parte constituinte da política Marcha para o Oeste, do governo de Getúlio Vargas. Foi pensada inicialmente para 50 mil habitantes. No projeto, as avenidas principais, Araguaia, Goiás e Tocantins, deveriam ser largas, para contrastar com as da antiga capital, a Cidade de Goiás.